



**Pró-Reitoria de Graduação
Curso de Educação Física
Trabalho de Conclusão de Curso II**

**PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ANIMADORES SÓCIO-CULTURAIS
EM PROJETOS DE EDUCAÇÃO FORA DO AMBIENTE ESCOLAR**

Autora: Paula Leite Antunes de Macedo
Orientadora: Prof^ª. Dra. Tânia Mara Vieira Sampaio

Brasília- DF
2013

AGRADECIMENTOS

Essa não é simplesmente a conclusão de um curso: é a realização de um sonho. São inúmeros os amigos, professores e familiares que, no mínimo, sempre me enviaram energias positivas nessa conquista. Gostaria de agradecer a todas as pessoas importantes na minha vida, vocês foram peças fundamentais para que eu realizasse esse sonho.

Em especial, agradeço à amiga Cláudia Marins por ter reativado esse desejo em mim, e ao amigo Luis Otavio Neves, pelos empurrões que também me proporcionou.

Agradeço ao meu chefe Djailson Dantas de Medeiros, pela sua enorme compreensão, apoio e torcida.

Agradeço também às amigas Ana Flávia Merheb e Maria Cristina Maia Machado, por me proporcionarem a oportunidade de resgatar o Projeto Escola no Campo, no qual vivi experiências inesquecíveis.

Agradeço ao professor Paulo Trindade, que sempre me levou a reflexões e a persistir no caminho, e à professora e orientadora Tânia Mara Vieira Sampaio, por sua luz e pela crença em mim e no meu trabalho.

Meu muito obrigada à amiga e irmã Maria Bia, por sempre ter me incentivado, desde o primeiro curso que fizemos quando ainda nem tínhamos idade para fazer o vestibular.

Agradeço ao meu companheiro Carrapa do Cavaquinho, por seu carinho, parceria e paciência, à minha mãe, que sempre esteve torcendo nos bastidores, ao meu pai, que me ensinou a não desistir de nada, e ao meu irmão Rafael, que comemorou comigo todas as minhas conquistas. Sem vocês nada disso teria a menor graça.

Por fim, agradeço a Deus, que me permitiu trilhar essa estrada com total proteção e iluminação. Realmente, tinha que ser.

RESUMO

A educação em projetos fora do ambiente escolar é uma das possibilidades disponíveis às escolas no processo de ensino-aprendizagem, utilizando-se do lazer como ferramenta de desenvolvimento humano. Assim, o objetivo deste trabalho foi verificar como o lazer, vivenciado por meio de um programa de atividades fora da escola, pode promover um processo de educação para e pelo lazer, e qual a percepção de animadores socioculturais designados para executar esse trabalho. A pesquisa realizada foi de caráter exploratório e descritivo. A amostra utilizada foi uma turma de cinco estudantes universitários de diversas áreas, selecionados a exercer o papel de monitores no Projeto Escola no Campo, realizado na Fazenda Hotel Mestre D'Armas, em Padre Bernardo - GO. Os procedimentos técnicos utilizados foram pesquisa bibliográfica e estudo de campo, desenvolvido por meio de observação do processo de formação dos animadores, de aplicação de questionários com os envolvidos e de entrevista como a organizadora de um curso de formação. Os resultados obtidos indicam que o Projeto Escola no Campo contribui para a educação dos alunos que participam, por meio da educação para e pelo lazer. Também conferem que é necessária e possível a criação de uma equipe multidisciplinar para atuar com o lazer. Conclui-se que, para os animadores socioculturais que atuarão nesse projeto, esse contribuirá na formação pessoal, social e acadêmica dos alunos, e que os aprendizados adquiridos são não apenas acadêmicos como principalmente individuais e sociais. Verifica-se também a necessidade de formação continuada desses guias. É possível constatar também a necessidade de uma atenção especial desse monitor com o seu próprio lazer. Por fim, verifica-se a vontade e a percepção positiva que esses profissionais possuem em relação à utilização da educação para e pelo lazer e de seus benefícios.

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ANIMADORES SÓCIO-CULTURAIS EM PROJETOS DE EDUCAÇÃO FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

Acabou a hora do trabalho
começou o tempo do lazer
você vai ganhar o seu salário
pra fazer o que quiser fazer

O que você gosta e gostaria
de estar fazendo noite e dia
ler, andar, ir ao cinema, brincar com seu neném
e até mesmo trabalhar também

Quando quiser, se assim quiser
se assim quiser, como quiser
como quiser, quando quiser

Ir de bicicleta ao mercado
escolher um peixe pro jantar
encontrar a namorada ou o namorado
escolher alguém pra visitar

Quando quiser, se assim quiser
se assim quiser, como quiser
como quiser, quando quiser

Arnaldo Antunes – Se assim quiser

Sobre o lazer

Lazer é um tema muitas vezes negligenciado pela humanidade. Vítima de preconceitos, ele é por vezes associado à ideia de inutilidade, em especial no Brasil, o famoso país do “carnaval e futebol”. De fato, essa não é uma ideia equivocada no sentido de que o acesso ao lazer é historicamente restrito apenas às classes sociais altas, sendo o trabalho pertinente aos que fazem o “trabalho sujo” (CAMARGO, 2002; MARCELLINO, 1996).

Além disso, durante anos imperou no mundo, em especial no hemisfério ocidental, a moral cristã, que condenava o não-fazer-nada e super valorizava o trabalho. Ainda assim, segundo Camargo (2002, p.29)

o desconforto em relação à diversão persiste até os dias atuais em todas as doutrinas religiosas cristãs, tanto católicas como protestantes, pouco à vontade com a sociedade secular e leiga nascida na Idade Contemporânea e com o crescimento do lazer enquanto aspiração coletiva.

No entanto, a ideia de divertimento sempre coexistiu com o próprio ser humano e nunca precisou de momento específico para acontecer. É algo natural do ser humano, que não precisa de horário nem local específico para isso: é possível se divertir em qualquer ocasião.

Já o lazer nasceu nos tempos de Revolução Industrial, fruto de lutas dos trabalhadores, ao ser antagonizado com o trabalho, em uma clara divisão de propostas de tempo. Eis a primeira grande característica do lazer: o tempo, que de acordo com Melo e Alves Junior (2003), possui um caráter objetivo e social.

O tempo passível de se praticar o lazer, de forma ativa ou contemplativa, é o “tempo livre das obrigações, sejam elas profissionais, religiosas, domésticas ou decorrentes das necessidades fisiológicas” (MELO e ALVES JUNIOR, 2003, p.31).

A palavra lazer, para a qual não há tradução literal em todas as línguas, vem do latim *licere*, e significa “ser lícito, ser permitido, pode-se fazer” (ROLIM, 1989, p. 51). Esse termo tem ligação estreita com a ideia de ser livre para se fazer o que se quer, o que lhe dá prazer. E essa é sua segunda grande característica: o prazer, de caráter subjetivo e individual, segundo Melo e Alves Junior (2003).

Essa subjetividade e individualidade é bem explicada por Rolim (1989, p. 55), que afirma que “a primeira condição para existir o lazer é a pessoa se encontrar num *estado de satisfação*. É o ‘Ah! Isso me interessa!’ que afasta para longe as tensões que toda concentração e atenção obrigatórias produzem.”

No entanto, segundo Melo e Alves Junior (2003), as atividades de lazer nem sempre se tornam prazerosas. Isso acontece, por exemplo, com a frustração sentida em uma viagem de férias fracassada ou com uma contusão sofrida em uma prática esportiva.

Além disso, sentir prazer não é exclusividade da área do lazer: sabe-se que também é possível encontrar prazer em outras atividades, como no próprio trabalho, no cuidado dos filhos, no preparo de alimentos, dentre tantas outras atividades. A obtenção de prazer em determinada atividade depende do caráter subjetivo e individual de cada um, e de questões circunstanciais e do meio ambiente.

Ao necessitarmos de uma definição de lazer, verificamos que, apesar de ser um tema amplo e relativo, os autores pesquisados convergem nas ideias principais. Assim, a definição de Dumazedier (1973, apud ROLIM, 1989, p. 53) sobre o lazer é das mais citadas por abranger todas suas características principais. Segundo ele, lazer é

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Nesse conceito, verificam-se também aspectos contidos na proposta de classificação das atividades de lazer em interesses culturais físicos, estéticos/artísticos, manuais, intelectuais e sociais.

Os interesses culturais físicos são atividades que buscam o bem-estar pela movimentação do corpo e procuradas por pessoas com certa preocupação com a melhoria e manutenção da saúde. Dentro dessa categoria se encaixam as mais diversas práticas esportivas.

O que se constata na sociedade atual é que esse interesse acaba sendo dos mais procurados e divulgados, provocando a possibilidade de entendimento equivocado de que

lazer seja apenas esporte e exercícios físicos. Como verificaremos a seguir, existem outros diversos tipos de atividades possíveis de serem praticadas nos momentos de lazer.

Nesse tópico, também é importante fazer uma reflexão sobre os modelos de esportes de alto rendimento, bastante utilizados nas práticas de atividades físicas e que podem ter como consequência um veto à espontaneidade e à criatividade das pessoas.

Esse não é o objetivo ao se introduzir práticas físicas nos momentos de lazer. Segundo Melo e Alves Junior (2003, p.42), “devem ser desenvolvidos modelos de práticas esportivas próprias e adequadas às peculiaridades dos momentos de lazer, sendo um equívoco reproduzir e estimular modelos já configurados.”

Os interesses culturais estéticos/artísticos “são evidenciados pela predominância do imaginário sobre o real, buscando-se o contato com o fictício, com o estético e com o belo” (SILVA e SAMPAIO, 2011, p. 57).

Historicamente, o acesso ao conteúdo artístico é restringido a uma pequena parcela da população, sendo a arte, na maior parte das vezes, associada à cultura erudita. No entanto, para a maior parte da população, o contato fica limitado apenas às culturas de massa, que, segundo Melo e Alves Junior (2003), é a produzida pela indústria cultural para o consumo em larga escala.

Nesse aspecto, esses autores propõem que é preciso expandir o acesso às diversas manifestações artísticas, incluídas nesse rol também as manifestações da cultura popular, a qual diz respeito a uma produção local ligada a alguma tradição.

Para tanto, Melo e Alves Junior (2003, p. 43) analisam as possibilidades de intervenção do profissional do lazer afirmando que esse

deve contribuir para educar a sensibilidade de seu público-alvo, apresentando novas linguagens e, fundamentalmente, possibilitando a vivência de novas experiências. Partindo dessa vivência, o profissional pode discutir as peculiaridades de cada manifestação em sua diversidade de correntes e propostas.

Já os interesses culturais manuais são associados à “capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou materiais – por exemplo, o artesanato e o *bricolage* quer para lidar com a natureza, como no caso da jardinagem e o cuidado com animais” (MARCELLINO, 1996, p. 18).

As habilidades desenvolvidas nessas atividades, praticadas por grande parte das pessoas como *hobbie*, muitas vezes se tornam um ofício, deixando assim de serem consideradas lazer.

Existem ainda atividades classificadas como de interesses culturais manuais que em muito se aproximam dos interesses artísticos, podendo assim ser enquadradas nas duas classificações.

Segundo Silva e Sampaio (2011, p. 55), a concepção dos interesses culturais intelectuais é representada por meio do “domínio do real sobre o imaginário, físico e social, estando relacionado a ocasiões em que a busca do prazer está ligado diretamente às oportunidades que têm o raciocínio nas oportunidades de lazer como ponto central.”

Como exemplo dessas atividades, podemos citar jogos intelectuais como xadrez e dama, palestras e cursos procurados sem motivação de trabalho ou educação, e buscas por informações em geral.

Essas atividades, segundo Melo e Alves Junior (2003), são muito procuradas por grupos de idosos, pois eles têm, nesse período da vida, possibilidade de atender certos desejos que não conseguiram ao longo da vida por falta de tempo.

Por fim, de acordo com essa proposta de classificação inicial, temos os interesses culturais sociais. Nesse ramo, a definição de Marcellino (1996, p. 18) é por si só esclarecedora:

Quando se procura fundamentalmente o relacionamento, os contatos face-a-face, o convívio social, manifestam-se os interesses sociais no lazer. Exemplos específicos são os bailes, os bares e cafés servindo de pontos de encontro e a frequência a associações.

Essa classificação dos interesses culturais posteriormente foi ampliada ao se inserir o interesse cultural turístico, que “se caracteriza pela busca do contato com paisagens, pela mudança de ritmo e estilo de vida, alterando a rotina cotidiana.” (SILVA e SAMPAIO, 2011, p. 57).

Nota-se nesse conceito uma característica dessas atividades: elas não dependem de deslocamento para outros municípios ou países, podendo o indivíduo exercê-la dentro de seu espaço cotidiano, ou seja, utilizando sua própria cidade como equipamento de lazer.

Segundo Silva e Sampaio (2011, p. 57), essa ocupação da cidade e o usufruto de suas possibilidades de lazer “podem contribuir para maior apropriação da população dos bens culturais existentes na cidade de forma reflexiva, assim como exigir junto aos poderes públicos a maior disponibilização e criação de condições para as oportunidades de lazer.”

Finalmente, em função dos grandes avanços tecnológicos vivenciados nas últimas décadas, Schwartz (2003, apud SILVA e SAMPAIO, 2011, p. 48) propõe a mais nova categoria de interesse cultural do lazer: o interesse cultural virtual.

O que se torna importante constatar é que os recursos virtuais ampliaram as possibilidades de acesso a outros interesses culturais do lazer, haja vista a oportunidade que proporcionam, dentre tantas, de conhecer pontos turísticos em qualquer parte do mundo, de ampliar e manter os relacionamentos em geral, de assistir espetáculos e filmes, de acessar informações de forma fácil, ou até mesmo de praticar exercícios físicos por meio de jogos eletrônicos. O mundo virtual proporciona diversas oportunidades às pessoas que, sem ele, muitas vezes não teriam condições financeiras de vivenciá-las.

Essas classificações partem do princípio que a busca pelo lazer envolve a satisfação de aspirações dos seus praticantes (MARCELLINO, 1996). Isso significa que o que vai determinar em qual interesse cultural uma atividade de lazer será inserida é o objetivo que levou determinada pessoa a praticar aquela atividade.

Essa reflexão induz à constatação de mais uma característica do lazer: a opção (MARCELLINO, 1996). Assim, cada pessoa escolhe como exercerá seu lazer de acordo com seus gostos. Mas, como falar de preferências quando não se conhece o todo?

Para discorrer sobre tal questionamento, Marcellino (1996, p. 18-19) faz a seguinte declaração:

O ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesses, procurando, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com outros costumes e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse. No entanto, o que se verifica é que as pessoas geralmente restringem suas atividades de lazer a um campo específico de interesses. E geralmente o fazem não por opção, mas por não terem tomado contato com outros conteúdos.

Educação e lazer

Após esse estudo sobre lazer e seus interesses culturais, se propõe o seguinte questionamento: “Não seria o *tempo livre*, empregado em *atividades de lazer*, permitindo o encontro do sujeito consigo mesmo e com os outros, um tempo ideal para a educação permanente?” (ROLIM, 1989, p. 28)

O papel da educação é a preparação para agir na vida. Essa ideia é expressa por Rolim (1989, p. 27) ao nos afirmar que “a vida se mostra assim dividida em dois tempos: o da preparação e o da ação. A fase preparatória, percorrendo os três estádios do ensinamento: primeiro, segundo e terceiro graus, visa prepará-lo para a vida que o espera.”

Dessa forma, o educador tem papel fundamental na formação do cidadão e suas futuras ações. E o lazer tem essa poderosa capacidade de educar pelo prazer e pela diversão que deve ser utilizada para tal pelos profissionais da área e pelos que de alguma forma desejam ensinar.

Assim, quando pensamos em lazer e educação, a primeira constatação a ser feita é a de que é preciso práticas pedagógicas que façam com que as pessoas sejam preparadas para exercer um lazer de qualidade. É o que chamamos de educação para o lazer.

Esse conceito está inserido no comentário de Camargo (2002, p. 33), que traz a seguinte afirmação:

Vivemos uma civilização do tempo livre, em que este já é quase igual e às vezes maior do que o tempo de trabalho. Mas ainda estamos longe de uma civilização do lazer, em que as pessoas saibam ocupar esse tempo livre com atividades que efetivamente lhes divirtam e contribuam para seu desenvolvimento pessoal.

Há, portanto, um conteúdo a ser trabalhado com os educandos que é fundamental para que eles sejam capazes de exercer sua cidadania e sua característica de ser humano integral de forma plena, que é o lazer.

A Carta Internacional de Educação para o Lazer (1993), ao tratar desse tema dentro do ambiente escolar, estabelece que

a meta geral da educação para o lazer é ajudar estudantes em seus diversos níveis a alcançarem uma qualidade de vida desejável através do lazer. Isto pode ser obtido pelo desenvolvimento e promoção de valores, atitudes, conhecimento e aptidões de lazer através do desenvolvimento pessoal, social, físico, emocional e intelectual. Isto, por sua vez, terá um impacto na família, na comunidade e na sociedade como um todo.

O mesmo documento sugere, a fim de atingir essa meta, que a educação para o lazer seja parte integrante de ampla variedade de estudos, atividades e experiências em cada estágio do ensino formal e informal. Ele propõe ainda, dentro das estruturas formais de educação, incorporar o lazer em todas as atividades educacionais e culturais, dentro e fora da escola.

Assim, a questão da educação para o lazer é uma necessidade reconhecida mundialmente na preparação desempenhada nos três níveis de ensino, a ser executada não só pela escola, mas por toda a sociedade, como é tratada a educação brasileira constitucionalmente, em seu art. 205, o qual afirma

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, **será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade**, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, grifo nosso).

Após essa reflexão, esse é o momento de constatarmos que o lazer é também instrumento de educação. Suas atividades, que alguns podem enxergar apenas como passatempos, têm em sua razão de ser a missão de trabalhar valores, condutas e comportamentos, segundo Melo e Alves Junior (2003, p. 53). É o que se denomina *educação pelo lazer*.

Educar pelo lazer não é das tarefas mais simples, embora aparentemente o seja. O lazer desempenhado de forma despreziosa em muito desenvolve o ser humano e faz parte de sua existência; mas, sem um direcionamento, essas atividades não visam educar: isso se torna apenas uma consequência.

O ambiente escolar não possui em seu currículo formal a inclusão da educação para o lazer, e também pouco reconhece o lazer como instrumento pedagógico. Ao contrário, se apega cada vez mais aos formalismos e seriedades que em nada se assemelham ao universo infantil, na tentativa de criar adultos mirins, vetando as suas possibilidades criativas e questionadoras.

Nesse aspecto, de acordo com Rolim (1989, p. 30), o indivíduo tem três opções perante o meio em que está inserido: resistir a ele, reagindo ou fugindo das pressões do

mundo; utilizá-lo para desenvolver suas potencialidades; ou ainda participar da sua existência, ao adaptar-se ao mundo e adaptá-lo a si, em um movimento de transformação.

Dessa forma, cabe à escola aproveitar os recursos do lazer e suas potencialidades pedagógicas e propiciar meios para criar indivíduos que utilizam e participam de seu meio, sem resistir. Isso é possível por meio de atividades lúdicas dirigidas que os induzam à reflexão sobre o mundo em que vivem e sobre as suas possibilidades, sem estarem presos a regras e moldes pré-estabelecidos. É pela experimentação do ser que a pessoa é capaz de ampliar sua visão e optar por ser quem é.

Esses recursos pedagógicos de aprendizados de conteúdos e de desenvolvimento humano proporcionados pela educação para e pelo lazer são utilizados indiscriminadamente em atividades extracurriculares desenvolvidas fora do ambiente escolar, diferentemente do que acontece dentro da escola.

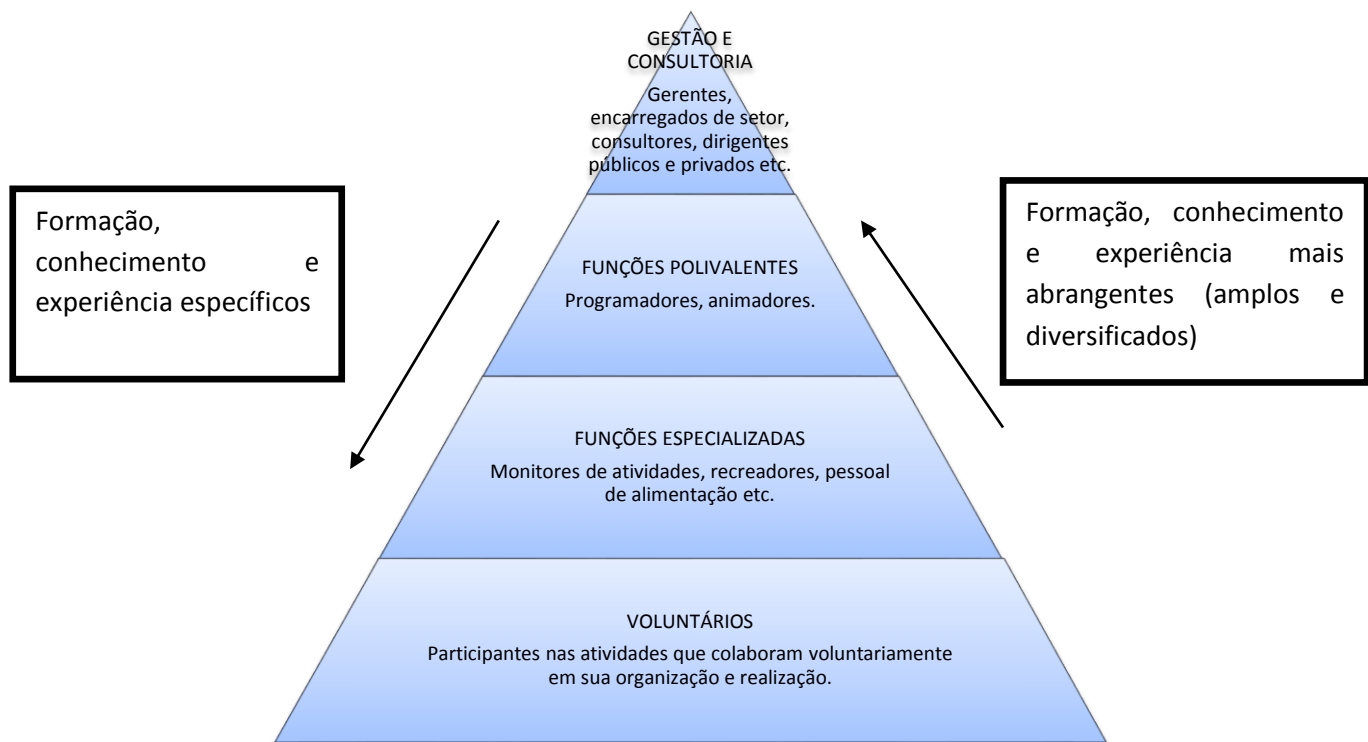
O profissional de lazer na educação

O profissional de lazer está inserido em contextos dos mais diversos, podendo exercer várias funções, tais como:

planejamento, organização, execução e avaliação de vivências de lazer; gerenciamento, coordenação, supervisão e avaliação de projetos e ações de lazer; assessoramento na elaboração, na implementação e na avaliação de políticas de lazer; viabilização de projetos e recursos; realização, registro e socialização de pesquisa; docência, entre outras (ISAYAMA, 2003, p. 63).

Dentre tantas possibilidades, as funções profissionais da área de lazer podem ser classificadas de acordo com o gráfico abaixo:

FUNÇÕES PROFISSIONAIS E EXIGÊNCIAS EM FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA



Fonte: PINA, 1995, p. 126

Mas, independentemente da área, segundo Pina (1995, p. 124), todo quadro de pessoal de lazer “deve ser estruturado de acordo com os seus processos de gestão. Esses processos de gestão podem ser pelo menos três: *administração, programação e animação, e manutenção.*”

O processo de administração consiste na administração geral do equipamento e nos serviços administrativos diversos. O processo de programação e animação “envolve o planejamento, a realização e a animação de todas as atividades dos centros.” (PINO, 1995, p. 124). Nesse processo estão incluídos os animadores. Por fim, o processo de manutenção existe para manter as condições ótimas das instalações das atividades.

Essa estrutura vai de encontro ao senso comum, o qual, sem conhecimento de causa, acredita que a única profissão existente no lazer é a do recreador, caracterizado muitas vezes como o “palhaço” que executa atividades soltas, com o objetivo de esvaziar a mente das pessoas.

O mesmo gráfico acima trata da questão de formação e experiência desse profissional, estabelecendo que essas devam ser as mais diversificadas possíveis, evitando a especialização do conhecimento.

Em relação a essa formação dos profissionais, para Marcellino (2003, p. 15), “o animador sociocultural tem diferentes formações, e isso é extremamente necessário, pela própria abrangência da área cultural.”

Assim, o que vemos são equipes formadas por profissionais de Educação Física, Pedagogia, Turismo, dentre outras, o que faz com que o lazer seja multiprofissional e interdisciplinar.

Isso nos faz entender o porquê da necessidade de uma formação diversificada por parte desses profissionais. No entanto, a literatura nos indica que esse ideal ainda não faz parte da realidade. Segundo Isayama (2003, p. 64)

por mais que se tenha superado a idéia do profissional nato, continua difundida a idéia do animador que já vem pronto, pouco tendo a aprender teoricamente, a não ser a logística, a ordenação das etapas e dos recursos do trabalho, que varia de acordo com o local de trabalho e muda constantemente.

Quando nos referimos a um profissional do lazer, algumas características quanto à sua postura profissional devem ser buscadas, dentre elas: formação, liderança, comunicação, criatividade, organização, atualização e senso crítico. (MELO E ALVES JÚNIOR, 2003, p. 79)

Tão importante quanto esses aspectos, ainda de acordo com esses autores, é o investimento do profissional que pretenda trabalhar no âmbito da cultura no seu próprio lazer e na expansão da sua percepção das mais diversas formas de manifestações.

Nem sempre isso corresponde à realidade. Melo e Alves Júnior (2003, p. 83) polemizam a questão ao fazerem o seguinte questionamento:

Como formar um profissional que assuma o papel de educador de sensibilidades quando nossos jovens estudantes não se submetem a tal processo e possuem uma formação cultural (pelo menos no que se refere às manifestações artísticas) alarmantemente restrita?

É preciso que o indivíduo que pretenda trabalhar com lazer conviva o máximo possível com o tema. Isso contribuirá para que sua atuação profissional saia de uma simples brincadeira vazia para propostas de reflexões e intervenções no meio.

Mas, afinal, o que os termos animação e animador têm a ver com isso tudo? Sobre esse tema, Isayama (2003, p. 71) nos esclarece que

Na língua portuguesa, o termo animação significa ato e efeito de animar; alegria e entusiasmo. Animar, por sua vez, significa dar alma ou vida; dar ânimo, coragem, vigor, força; estimular e encorajar. Assim, o animador trabalha com vivências que possam possibilitar, entre outras coisas, prazer e alegria, na intenção de estimular as pessoas em seus momentos de lazer.”

A figura do animador pode ser designada por diversos outros termos, como “‘chefes de prazer’, ‘consultores de lazer’, ‘recreacionistas’, ‘monitores’, ‘animadores’, ‘agentes’ etc” (MARCELLINO, 2003, p. 12). No entanto, segundo Melo e Alves Júnior (2003, p. 60), nenhum deles pode definir com tanta precisão quanto o termo animador sociocultural o que esperamos ser seu maior compromisso político-pedagógico: educação para e pelo lazer.

A vantagem desse profissional em relação a outros tipos de educadores é a de poder se utilizar, para o processo educativo, dos diversos interesses culturais do lazer, o que lhe promove maior flexibilidade nas suas intervenções pedagógicas. (MELO E ALVES JÚNIOR, 2003)

Portanto, o objetivo deste trabalho foi verificar como o lazer, vivenciado por meio de um programa de atividades fora da escola, pode promover um processo de educação para e pelo lazer, e qual a percepção de animadores socioculturais designados para executar esse trabalho.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa realizada foi de caráter exploratório e descritivo, cujos objetivos, segundo Gil (2002, p. 41-42) são respectivamente o de “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses” e o do “estabelecimento de relações entre variáveis”.

Para tanto, foram utilizados como procedimentos técnicos pesquisa bibliográfica, embasada principalmente em livros e artigos científicos, e estudo de campo, desenvolvido por meio de observação do processo de formação dos animadores, de aplicação de questionários com os envolvidos e de entrevista como a organizadora de um curso de formação.

A utilização desses procedimentos é fundamental para maior fidedignidade dos dados. A pesquisa bibliográfica permite “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45). Com esse arcabouço teórico, a pesquisa de campo buscou o aprofundamento das questões propostas em uma população específica, com a utilização de recursos de natureza quantitativa e qualitativa.

Assim, a amostra analisada consistiu na turma de estudantes universitários de diversas áreas, selecionados a exercer o papel de monitores no Projeto Escola no Campo, realizado na Fazenda Hotel Mestre D’Armas, em Padre Bernardo - GO.

Para coletar os dados buscados, foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas com os estudantes, antes do treinamento a ser realizado para a execução de suas atividades, além de entrevista com a Diretora de Relacionamentos da ECOS TURISMO e mentora do projeto.

SOBRE O PROJETO ESCOLA NO CAMPO

O Projeto Escola no Campo é composto de uma programação de atividades de lazer, desenvolvidas no espaço físico da Fazenda Hotel Mestre D’Armas, localizada em Padre Bernardo, no Estado de Goiás.

Esse fato indica que, dentre outros interesses culturais, ele se utiliza do interesse cultural turístico em princípio para acontecer, visto que, sem o deslocamento a outro local, ele não seria viável. Estando no local, os outros interesses também aparecem, como o físico, o cultural e o manual.

O projeto foi desenvolvido em 2003 pela psicóloga, pós-graduada em andragogia empresarial com ênfase em recursos humanos e em gestão de projetos, e pesquisadora na área de aprendizagem organizacional, Maria Cristina Maia Machado, diretora de relacionamentos da empresa ECOS Turismo.

À época, o proprietário da fazenda, Antônio Fábio, solicitou que ela escrevesse um projeto que aumentasse a sua taxa de ocupação nos dias de semana, e que essa ação fosse voltada para a educação. Esse pensamento condiz com a concepção de Stigger (2003, p. 117), que propõe “identificar o espaço do lazer como um espaço pedagógico e o profissional como um educador.”

Ela então, por meio de estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs, verificou que era necessário que as escolas trabalhassem com os alunos temas transversais, assuntos esses que não correspondem às disciplinas tradicionais trabalhadas dentro de sala de aula. Dentre esses temas, estão incluídos “ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e orientação sexual.” (MACEDO, 1998, p. 23)

Nasceu então o Projeto Escola no Campo, cujo objetivo é o de promover atividades educativas práticas nas mais diversas áreas do conhecimento e vivenciar dias de pesquisa de campo, unindo ecologia, cultura e lazer.

Para tanto, as escolas contratam os serviços da empresa. Segundo Machado (2013), “não é negócio da escola fazer viagem, não é o negócio da escola fazer somente recreação, e a gente compõe esse quadro com a escola.” Ainda segundo Machado (2013), o projeto funciona em parceria com a escola e com o local turístico, a fim de viabilizar “a imersão do aprendizado interdisciplinar.”

No início do projeto, a empresa atendia alunos das mais variadas idades e séries. Com o passar do tempo, o mercado para esse tipo de atividade cresceu, e a ECOS TURISMO verificou a necessidade de focar em um público específico para atender melhor as suas necessidades. Assim, atualmente o projeto atende alunos do 5º e do 9º ano do ensino fundamental das escolas particulares do Distrito Federal.

Na fazenda, os alunos participam de uma série de atividades. Algumas delas são fixas dentro do cronograma da saída, como as refeições; outras são determinadas pelas escolas, que as escolhem dentre uma série de opções, conforme “cardápio” da empresa. A permanência dos alunos no estabelecimento pode durar de dois a três dias.

Antes de a saída acontecer, a escola determina à empresa qual o seu grande foco: às vezes, ela quer enfatizar a questão do relacionamento entre os alunos, do respeito aos colegas; outras vezes, ela quer aproveitar o momento para vivenciar a vida rural, ter contato com

aspectos da ecologia. Colhida essa informação, a empresa se adapta à demanda da escola, por meio do trabalho dos seus guias.

Os guias são estudantes universitários selecionados pela ECOS TURISMO que, junto com os professores e com o pessoal de apoio da fazenda, conduz o trabalho de educação no local.

Para tanto, eles precisam estar aptos a educar. “A natureza do projeto é preparada para ter os guias com uma responsabilidade social sobre a educação infantil. É o que move o projeto”, afirma Maria Cristina.

Portanto, a metodologia do processo seletivo desses guias desenvolvida por Maria Cristina segue o seguinte raciocínio:

eu preciso que as escolas ampliem a visão do aluno na percepção dele de mundo, não só da forma tradicional, mas fora da sala de aula. É isso que o PCN faz. O que eu pensei? Eu preciso, então, de uma equipe multidisciplinar que tenha uma visão de mundo e uma percepção ampliada. Eu não posso pegar a visão de um profissional, de um perfil. Eu preciso de vários perfis. É isso que eu pensei.

Assim, o critério de seleção dos guias segue a linha de que é preciso uma equipe multidisciplinar, tal qual deve ser uma equipe de lazer, como nos coloca a literatura pesquisada.

As competências básicas buscadas na seleção dos candidatos seguem rigorosamente os seguintes critérios:

- ele deve estar cursando uma faculdade, sem restrição de curso, visto que o projeto é multidisciplinar;
- ele deve necessariamente gostar de crianças, e comprovar com exemplos da sua vida cotidiana esse contato próximo;
- ele deve amar a natureza e realizar atividades de ecoturismo;
- e, por fim, uma competência não obrigatória, mas desejável, é que ele possua alguma habilidade artística, esportiva, cultural, ou que realize algum tipo de trabalho social.

A partir de então, selecionada a equipe, é feita uma capacitação, executada da seguinte forma: um momento comportamental e outro momento prático-teórico.

Para a empresa ECOS TURISMO, atualmente há uma grande dificuldade de se encontrar no mercado profissionais com esse perfil e que estejam dispostos a trabalhar no projeto. Segundo análise da diretora de relacionamentos, isso se deve ao aumento da oferta de empregos e estágios no Brasil nos últimos anos. Como o trabalho com o projeto é de *freelancer*, contabilizado para fins de estágio, porém com pouca carga horária, os estudantes acabam optando por oportunidades que lhe proporcionarão uma continuidade na carreira.

O projeto também vem encontrando dificuldades quanto à sintonia do seu público com relação a seus valores. Explico: o projeto é de caráter educacional, visando aprender de forma

lúdica diversos conteúdos e valores. No entanto, as escolas hoje estão demandando muito mais o lazer por si só.

Maria Cristina explica que isso se deve à quantidade de atividades educacionais que hoje estão presentes dentro da escola, como feiras, comemorações e torneios, o que antigamente, segundo ela, era muito mais restrito.

No entanto, o que acontece na prática é que, ao chegar à fazenda, as educadoras das escolas acabam, sim, aproveitando a situação para dar aulas leves e fazer a ligação entre os ensinamentos dados em sala de aula e a realidade, sempre com o auxílio dos guias. Portanto, o projeto mantém o seu perfil educacional.

Interessante analisarmos que, na animação cultural, seus objetivos, segundo Carvalho (1977, apud ISAYAMA, 2003, p. 73), são

promover uma compreensão das pessoas em relação a si próprias e ao mundo que as cerca; buscar maior participação de todos nas questões sociais mais amplas, por meio do encaminhamento de soluções coletivas, sempre renovadas, para os problemas de sua comunidade; e também possibilitar uma preparação para empreender mudanças na sociedade, gerando um pensar constante sobre o papel dos sujeitos nesse sentido.

São exatamente dessas premissas que o projeto se utiliza. Como exemplo podemos citar depoimentos de pais e professores que relatam que os alunos, após participarem do projeto, voltaram para casa com uma nova consciência sobre o desperdício da água e das consequências disso para o planeta, mudando seus hábitos e, principalmente, disseminando esses conhecimentos para a família e para os amigos. É a esse tipo de contribuição que o projeto se propõe.

Assim, o Projeto Escola no Campo é uma das possibilidades de se trabalhar os quatro pilares da educação da UNESCO, quais sejam “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser” (CANDURO, 2003, p. 36).

É preciso esclarecer que, quando utilizamos os termos guia, monitor e animador neste trabalho, estamos nos referindo especificamente ao animador sociocultural. A utilização desses termos se deve à forma como a própria empresa ECOS classifica sua equipe de trabalho para o Projeto Escola no Campo.

RESULTADOS

A população a ser pesquisada seria inicialmente de doze animadores socioculturais, conforme processo seletivo realizado pela empresa ECOS TURISMO. No entanto, ao se iniciarem as atividades, apenas oito permaneceram interessados. Os outros quatro haviam sido selecionados para outros estágios e/ou empregos, conforme tendência do mercado de trabalho.

Ao se iniciar o processo de capacitação, apenas cinco dos guias se apresentaram. Os outros três tiveram problemas pessoais e só se apresentaram em momento posterior e, portanto, não participaram da pesquisa por não se encaixarem no foco desta.

Para obtenção dos dados desejados, foi aplicado um questionário, antes de acontecer qualquer ação de treinamento para com os futuros guias do Projeto Escola no Campo.

Em seguida iniciou-se o processo de formação, realizado no dia 10 de setembro de 2013, na sede da ECOS no Guará II – DF, às 14h, e conduzido por Maria Cristina Maia Machado, diretora de relacionamentos da ECOS TURISMO e mentora do Projeto Escola no Campo.

De acordo com o que foi observado, primeiramente foi feita uma apresentação da empresa, do projeto e de suas características, seguida de uma exposição de aspectos sobre o perfil e postura dos guias. Segundo Maria Cristina, “a gente faz eles enxergarem que eles têm esse perfil, e o que a gente espera disso. Eles podem. Eles podem fazer algo.” Por fim, houve um bate papo sobre as formações e perspectivas de contribuição com o trabalho de cada um.

Essa postura vai ao encontro da ideia de Isayama (2003, p. 59), ao afirmar que “a ação profissional requer a compreensão sobre uma série de questões gerais acerca da temática, bem como um mapeamento sobre como cada uma das áreas poderá contribuir com os seus saberes específicos e intervir nesse campo.”

Os guias foram convidados em todos os momentos a participar do processo de construção do projeto, que possui uma estrutura flexível, sendo construído conjuntamente por empresa, monitores e escolas.

Após essa primeira etapa, o treinamento continuou no dia 14 de setembro de 2013 na Fazenda Hotel Mestre D’Armas – GO, local em que sempre acontecem as atividades do projeto. Nesse momento, o qual também foi observado, os guias fizeram o reconhecimento do local, foram instruídos sobre o cronograma das saídas pedagógicas e fizeram algumas das possíveis trilhas a serem realizadas durante o projeto.

Participaram do questionário preliminar por livre consentimento duas mulheres e três homens, de idade entre 19 e 37 anos, com uma média de 26,6 anos. Desses participantes, 80% possui experiência profissional de mais de 2 anos, e 20% não possui nenhuma experiência profissional. Esses profissionais são todos estudantes universitários: um cursa Pedagogia, dois cursam Biologia e dois, Educação Física.

Essa característica de multidisciplinaridade encontrada na equipe constituída faz parte da filosofia do projeto estudado. Essa formação é essencial para o sucesso do objetivo do trabalho. De acordo com Melo e Alves Júnior (2003, p. 77), “o ideal seria montar uma equipe multidisciplinar, que, atuando em conjunto, dialogaria com diferentes visões e comporia o projeto com base em diversas experiências.”

Esse fato mostrou-se importante, tanto para o bom desenvolvimento do trabalho em campo, que necessita de diversos conhecimentos, como para a contribuição na formação dos

guias que, em contato com pessoas de outras áreas, podem aprender mais. E é exatamente assim que a literatura nos diz que deve ser uma equipe de lazer: multidisciplinar.

Quando questionados sobre o motivo de buscarem aquela seleção, 62,5% das respostas afirmaram ser por motivo profissional, 25% por motivo pessoal e 12,5, financeiro. Nenhum participante afirmou ter um motivo social para procurar aquele processo seletivo.

Em relação à sua percepção quanto à importância da reflexão sobre o lazer para os alunos que estão se formando, 80% dos participantes respondeu ser alta e 20% muito alta. Isso nos leva a crer que, para essa população, a educação para o lazer é de suma importância.

Já em relação à importância do lazer para a educação/processo educativo, 60% respondeu que acredita ser alta e, 40%, muito alta. Ou seja, essa população estudada acredita que a educação pelo lazer é ainda mais importante.

Essas respostas condizem com o resultado de 100% que afirma já ter ouvido falar em educação pelo lazer, e de 80% que já ouviu falar em educação para o lazer. Uma das probabilidades dessa pequena diferença ter acontecido é que a educação para o lazer acaba sendo segmentada aos profissionais da área da Educação Física, não sendo abraçada como uma causa pela Biologia, por exemplo.

Sobre o questionamento a respeito do que motiva as crianças a executarem uma atividade, quatro participantes afirmaram saber a resposta e, dentre essas, a diversão foi a mais citada.

Segundo Camargo (2002, p. 34), existem quatro grandes motivações para toda e qualquer diversão: a aventura, a competição, a vertigem e a fantasia. Dentre outros aspectos, essas motivações “permitem, no caso da criança, a maturação do *homo faber*, do homem que um dia precisará associar o reino da expressão ao reino da necessidade, a diversão ao trabalho.”

Por que é importante saber dessas motivações? Motivar as crianças acarreta maior probabilidade de elas efetivamente absorverem as habilidades e conhecimentos fundamentais para que estejam realmente preparadas para atuar na vida real. E essas motivações estão embutidas nas atividades lúdicas. “Hoje, o lúdico, o prazeroso, o inovador, o dinâmico são elementos indissociáveis da aprendizagem e a ela inerentes em todos os tempos e espaços da escola cidadão.” (SILVA, 2003, p. 53)

Todos os guias afirmaram acreditar que a experiência dos alunos no Projeto Escola no Campo contribuirá para a formação pessoal, social e acadêmica dos alunos. Para discutir essa questão, iniciamos com a declaração de Caruso (2003, p. 32): “Somos simultaneamente seres cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais etc.”

O processo educacional deve ser focado no desenvolvimento integral do ser humano, e não apenas no aspecto cognitivo. É preciso preparar os alunos para serem seres completos e capazes de interagir e intervir na sua própria realidade.

Um processo de educação pelo lazer pode contribuir para isso, conforme explicita Silva (2003, p. 51)

As atividades culturais, presentes nos diferentes processos educacionais, aumentam a auto-estima do aluno, ampliam as possibilidades de sucesso e permanência na escola e geram situações de efetiva aprendizagem, reforçando uma proposta de desenvolvimento integral do aluno, em que se levam em conta seu desenvolvimento nos diferentes ciclos da vida e a realidade na qual vive.

Como, de acordo com Melo e Alves Júnior (2003, p. 32), “as atividades de lazer são atividades culturais, em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações”, as atividades de lazer também podem contribuir com esse crescimento do aluno de forma integral.

Ao serem questionados sobre os aprendizados que acreditam que as crianças obtenham após participar do Projeto Escola no Campo, foram diversas as respostas, as quais transitaram entre aprendizados acadêmicos, individuais e sociais.

Os aprendizados acadêmicos elencados foram: melhor compreensão de conceitos ecológicos e preservação/manutenção do ambiente natural; delimitação do tema "meio ambiente"; pensar no futuro acadêmico; sociedade; cultura; história.

Em termos individuais e sociais, a lista de aprendizados foi a seguinte: ser mais atencioso; desenvolver a interação social; ficar mais disposto a estudar; vivência de contato com a natureza; vida em grupo; responsabilidade por si (autonomia); melhor diferenciação de ambiente urbano/ rural; consciência ecológica; trabalho em grupo; respeito aos colegas; paciência; obediência; dar valor a pequenas coisas, mesmo simples que seja.

É possível verificar que para esses guias, os possíveis aprendizados dos alunos vão além de complementação das disciplinas escolares. A vivência com a natureza e com os colegas poderá ensinar-lhes questões de cunho individual, como autonomia, respeito, paciência, além de passar a dar valor às pequenas coisas, e de cunho social, como conviver em grupo e em sociedade.

Mas, segundo Maria Cristina, um dos maiores aprendizados dos alunos ao vivenciarem o Projeto Escola no Campo é o que ela chama de “autonomia restritiva”. Ela explica que, na maioria das vezes, é a primeira vez que essas crianças estão dormindo fora do contexto familiar. Lá elas aprendem que não podem fazer tudo o que querem, que devem seguir horários, que devem colaborar na arrumação do quarto, que deve respeitar o colega, os professores e a natureza. Elas deixam de ser soberanas e passam a reconstruir a sua realidade. “E fora do quarto, fora da sala, fora do ambiente familiar, o aprendizado é muito diferente, ele está livre, ele está no mato”, explicita.

Realmente, o contato com a natureza permite um salto de aprendizado ao aluno. Segundo Oliveira (1995, p. 109), “esses espaços, que permitem o contato próximo à natureza, estimulam os sentidos, aguçam a curiosidade e o interesse e inspiram sentimentos de

liberdade e prazer; em contrapartida, muitas vezes, à maneira como normalmente é realizado o ensino formal: entre quatro paredes.”

Esclarecemos aqui que, por mais que façamos uma classificação para fins didáticos desses aprendizados, sabemos que é difícil dissociar uma coisa da outra. Isso porque o ser humano é um ser completo e, segundo Oliveira (1995, p. 110), “natureza, conhecimento e prazer estão indissolúvelmente ligados, a despeito da intenção do próprio homem de fragmentá-los.”

Entre os monitores, 60% deles afirmaram que o lazer possui uma importância muito alta em sua vida, e 40% uma importância alta. Essa é uma reflexão importante: é preciso que os profissionais do lazer se dediquem a sua própria prática de maneira cuidadosa.

Segundo Melo e Alves Júnior (2003, p. 83), “os alunos frequentam pouco cinemas, teatros, centros culturais, museus etc. Dois são os argumentos comumente apresentados para a justificativa dessa ausência: falta de recursos financeiros e distância entre residência e espaços de cultura.”

O que se percebe é que profissionais de lazer possuem os mesmos problemas da população em geral no que diz respeito ao usufruto do seu tempo. No entanto, esses devem se esforçar para vivenciar outras formas de interesses culturais, a fim de ampliar seu campo de visão e de atuação profissional.

É o que afirma Pina (1995, p. 127), ao declarar que o animador sociocultural, “se possível, deve acompanhar as diferentes programações culturais (incluindo as esportivas) que acontecem em sua comunidade e em sua cidade, e procurar obter informações sobre aquelas que não pode acompanhar diretamente.”

Ao se pronunciarem sobre encarar ou não o trabalho a ser desempenhado como lazer, quatro dos cinco participantes responderam que sim. Como vimos, lazer é aquela atividade realizada no tempo livre de obrigações. Portanto, período de trabalho não é considerado lazer.

No entanto, essa questão é determinante na questão da atuação do profissional de lazer. Segundo Isayama (2003, p. 65),

Muitas vezes, profissionais de educação física buscam atuar no âmbito do lazer por pensar que estão conseguindo um trabalho fácil, no qual se tenha uma “boa vida”, acreditando na idéia de que o que se faz não é trabalhar, e sim brincar o dia todo – e o que é melhor, contando com uma remuneração para isso. Essa visão traz à tona a falta de componentes lúdicos no trabalho das pessoas em geral, fazendo com que **o trabalho no campo do lazer seja confundido com o próprio lazer desses profissionais**. De acordo com Stoppa e Isayama (1999), não é clara a distinção entre lazer e trabalho na ação do profissional que atua nessa esfera. Em geral, há uma tendência a confundir as experiências criativas, lúdicas e expressivas com o seu próprio trabalho. Por esse motivo, muitas pessoas tendem a restringir o entendimento sobre a intervenção profissional no lazer, muitas vezes, considerando o trabalho “fácil” e “gostoso” de ser realizado, em comparação com aqueles que não apresentam nenhuma possibilidade lúdica. Nesse caso, ignoram que esse trabalho requer fundamentos técnicos, pedagógicos, político-culturais e

sociais, além de contar com os componentes de obrigação que permeiam os acordos de trabalho.”– (grifo nosso)

Entre os participantes, 60% afirmaram se espelhar em alguém para realizar esse trabalho, dentre professores, treinadores e chefes. Dentre as qualidades pessoais dessas pessoas apontadas como referência, foram citadas: extrovertido, dinâmico, engraçado, proativo, comunicativo, animado, não deixa ninguém parado, guerreiro, educador, pessoa sem igual, pessoa de coração puro.

É interessante notar que características como “extrovertido”, “engraçado”, animado”, “não deixa ninguém parado” corroboram com a visão generalizada que esses profissionais devem ser, acima de tudo, *showmans*.

Essa ideia é um equívoco. A extroversão, segundo Isayama (2003, p. 64) é um aspecto que causa, muitas vezes, “uma grande confusão, pois o bom profissional é associado à pessoa mais engraçada, capaz de fazer todos caírem na gargalhada.”

A característica de ser um educador foi pouco comentada, fazendo-nos crer que entre os guias impera a noção de o que vale mesmo é ser engraçado. Não que essa marca não seja desejável, mas não é crucial.

No entanto, todos eles afirmam se sentirem preparados para educar. Isso nos leva a induzir que, por mais que não pensem ser essa a sua função principal nesse projeto, eles também devem exercer esse papel.

A expectativa dos participantes, antes de começarem efetivamente o seu trabalho, é a de que trabalhar no Projeto Escola no Campo seja aprendizado, crescimento profissional, lazer e descanso, desafiador, oportunidade de disseminar conhecimentos e educar. E assim induzimos que há uma vontade desses profissionais de crescerem com esse trabalho, e essa experiência de educação para o pelo lazer poderá ser incorporada por eles como possibilidade de intervenção nos seus campos de atuação, se assim desejarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que o Projeto Escola no Campo contribui para a educação dos alunos que participam, por meio da educação para e pelo lazer, auxiliando no desenvolvimento dos conteúdos e aprendizados realizados em sala de aula. Esse tipo de atividade é uma demanda real da comunidade escolar, e que deve ser desempenhada de maneira profissional e competente. Também pode-se dizer que é possível, sim, criar uma equipe multidisciplinar na atuação do lazer, e que realmente esse fator é fundamental para que um projeto como o Projeto Escola no Campo tenha sucesso. Nota-se que, para os animadores socioculturais que atuarão nesse projeto, esse contribuirá na formação pessoal, social e acadêmica dos alunos, e que os aprendizados adquiridos são não apenas acadêmicos como principalmente individuais e sociais. Verifica-se também a necessidade de formação continuada desses guias, a fim de refletirem, por exemplo, sobre crenças como a extroversão como pré-requisito para se obter

sucesso na área, bem como sobre a distinção sobre o trabalho desempenhado e lazer. É possível constatar também a necessidade de uma atenção especial desse monitor com o seu próprio lazer, para que ele amplie as suas possibilidades de atuação profissional. Por fim, verifica-se a vontade e a percepção positiva que esses profissionais possuem em relação à utilização da educação para e pelo lazer e de seus benefícios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 22 mai. 2013.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o Lazer**. 6ª Impressão. São Paulo: Moderna, 2002.

CANDURO, Maria Teresa. O profissional de Educação Física e suas Competências Específicas. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 31-45.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. O Profissional da Educação Física como Intelectual: Atuação no âmbito do Lazer. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 59-79.

MACEDO, Elizabeth Fernandes de. **Os Temas Transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Química Nova na Escola, Nº 8, Novembro 1998.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, N.C. A formação e o desenvolvimento de pessoal em políticas públicas de lazer e esporte. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 9-17

MAIA, Lerson Fernando dos Santos. A formação do técnico em lazer e suas possibilidades de atuação e intervenção em políticas públicas. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 81-100.

MELO, Victor Andrade de e ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. 1ª Edição. Barueri: Manole, 2003.

OLIVEIRA, Cléa de. Lazer, educação e meio ambiente: a experiência do CIPAM. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e atuação profissional**. Campinas, SP – Papyrus: 1995. p. 103-110.

PINA, Luís Wilson. Multiplicidade de profissionais e de funções. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e atuação profissional**. Campinas, SP – Papyrus: 1995. p. 117-130.ROLIM, Liz Cintra. **Educação e Lazer – a aprendizagem permanente**. São Paulo: Ática, 1989.

SILVA, Junior Vagner Pereira da e SAMPAIO, Tânia Mara Vieira Sampaio. O lazer e suas diversas faces. SAMPAIO, Tânia Mara Vieira Sampaio e SILVA, Junior Vagner Pereira da (org.). **Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva**. Brasília: Universa, 2011. p. 45 -61.

SILVA, Paulo Mauro da. Formação e Atuação dos Coordenadores Culturais nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 47-57.

STIGGER, Marco Paulo. Políticas públicas em esportes e lazer: considerações sobre o papel do profissional educador. MARCELLINO, N.C. (org.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 101-120.

WORLD LEISURE AND RECREATION ASSOCIATION. **Carta Internacional de Educação Para o Lazer**. Jerusalém – Israel, 2 a 4 de agosto de 1993 e ratificada pelo Conselho da WLRA Jaipur – Índia 3 de dezembro de 1993. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/carta-internacional-educacao-para-o-lazer/>. Acesso em: 27 mai. 2013.

APÊNDICE

Questionário aplicado aos monitores do Projeto Escola no Campo



Pró-Reitoria de Graduação – PRG

Curso de Educação Física

QS 07 Lt. 01 – EPCT – Sala G119 – Campus I – Taguatinga Sul – Brasília/DF – 71966-700

Tel.: (61) 3356-9350

Data: ____/____/____

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino

Curso/Semestre: _____

1. Experiência profissional:
 nenhuma até 6 meses entre 6 meses e 1 ano entre 1 ano e 2 anos
 acima de 2 anos
2. Motivo de buscar essa seleção:
 financeiro profissional pessoal social
3. Qual a importância do lazer na sua vida?
 Nula Pouca Média Alta Muito Alta
4. Para você, qual a importância da reflexão sobre o lazer para os alunos que estão se formando?
 Nula Pouca Média Alta Muito Alta
5. Para você, qual o nível de importância do lazer para a educação/processo educativo?
 Nula Pouca Média Alta Muito Alta
6. Você já ouviu falar em educação pelo lazer? Sim Não
7. Você já ouviu falar em educação para o lazer? Sim Não
8. Você sabe o que motiva as crianças a executarem uma atividade? Sim Não O que?
9. Você acredita que a experiência no Projeto Escola mudará alguma coisa na formação pessoal das crianças que participarem? Sim Não
10. Você acredita que essa experiência contribuirá para a formação acadêmica dos alunos? Sim Não
11. Você acredita que essa experiência contribuirá para a formação social dos alunos?
 Sim Não
12. Você se sente preparado para educar? Sim Não
13. Você considera o trabalho como monitor do Projeto Escola como lazer?
 Sim Não
14. Para realizar esse trabalho, você se espelha em alguém? Quem? Por que?

15. Complete a frase: Trabalhar como monitor no Projeto Escola é...

16. Liste os aprendizados que, para você, as crianças têm após participarem do Projeto Escola:

Roteiro de Entrevista

Data:

Nome:

Cargo:

Breve currículo:

1. O que é o Projeto Escola no Campo?
2. Como surgiu o projeto? Como ele é hoje?
3. Qual o seu objetivo?
4. Fale um pouco sobre a empresa ECOS.
5. Qual a metodologia utilizada para capacitação e treinamento dos monitores/animadores?
6. Quais as dificuldades enfrentadas ao selecionar novos animadores socioculturais?
7. O que a ECOS espera desse animador? E as escolas?
8. Qual a sua percepção sobre a visão dos dirigentes de escolas quanto a essa prática de lazer fora do ambiente escolar?